

LEO CUNHA

É mentira da Barata?

ILUSTRAÇÕES DE RUBEM FILHO

Material digital do professor
Antonieta Cunha

FICHA TÉCNICA
MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR
PRÉ-ESCOLA

Copyright © 2021 by Antonieta Cunha
ISBN 978-65-994454-3-9

Diretor Wagner Sacchetto
Gerente Editorial Ana de Souza
Coordenação Antonieta Cunha
Ilustrações Rubem Filho
Editoração Rubem Filho
Produção VW Editora

1ª Edição, Belo Horizonte, 2021

C972e Cunha, Antonieta
 É mentira da Barata?: Material Digital do Professor/
 Antonieta Cunha; ilustrações Rubem Filho.
 – Belo Horizonte: VW Editora, 2021.
 27 p. il.

ISBN 978-65-994454-3-9

1.Literatura infantil-Brasil. I.Título.
CDU 821.134.3(81)-053.5

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria – CRB-6 nº 1006

FICHA TÉCNICA DA OBRA

É MENTIRA DA BARATA?

Copyright © 2020 by Leo Cunha
1ª Edição, Belo Horizonte, 2021
ISBN 978-65-994454-1-5

EQUIPE EDITORIAL

Diretor Geral **Wagner Sacchetto**
Gerente Editorial **Ana de Souza**
Editora **Antonieta Cunha**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Projeto gráfico **Rubem Filho**
Ilustrações e Capa **Rubem Filho**

PRODUÇÃO GRÁFICA

Editoração **Kátia Silva e Larissa Silva**
Pré-impressão **VW Editora**



EDITORIA

VW EDITORA

CNPJ. 31.010.097/0001-47

Rua Bernadeth Josephina dos Reis, 234 – BH/MG

Cep 30626030 Tel: (31)99585-3759

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. DUAS POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA	7
2. A RETOMADA DO LIVRO	11
3. UMA NOVA AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM <i>É MENTIRA DA BARATA?</i>	15
4. INDO ALÉM DA HISTÓRIA – DESCORTINANDO HORIZONTES.....	15
5. AS ESCOLHAS DO AUTOR NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA	16
6. DIÁLOGO IMPORTANTE COM OS FAMILIARES DOS ALUNOS	19
BIBLIOGRAFIA COMENTADA	23



Cara Professora/Caro Professor

Temos o prazer de lhe apresentar o Material Digital, elaborado como uma contribuição com sua análise e aproveitamento da obra **É mentira da Barata?**, que foi criada a partir de uma cantiga muito conhecida por você e, certamente, também pela maioria das crianças que estão sob sua responsabilidade. Muitas delas terão sido embaladas por essa música tão especial, a ponto de ser cantada com versos diferentes, que vão se juntando aos das sete saias de filó da barata mais famosa no Brasil.

Nesta nossa conversa, você vai encontrar algumas sugestões de atividades que vão juntar-se às que costuma desenvolver, na exploração da leitura literária com seus alunos da Pré-Escola, já iniciados no processo de alfabetização, muito embora possa interessar a crianças menores, também conhecedoras da cantiga da Barata. E vamos também convidá-la a refletir conosco sobre o papel fundamental das histórias e dos poemas ouvidos e lidos pelas crianças, no desenvolvimento do imaginário, da sensibilidade e do espírito crítico e da criatividade delas. Daí a importância de um trabalho em torno da literatura na escola, desde cedo.

Esperamos que, antes mesmo de ler esta nossa conversa, você já tenha lido esta obra, cujo autor Leo Cunha, não contente em ter cantado para os filhos e sobrinhos as famosas quadrinhas, resolveu inventar para as crianças em geral, com seu humor e poesia característicos (e com uma grande surpresa!), uma história em torno do sumiço das tais saias de filó da Barata. Para isso, alternou na sua narrativa as quadrinhas da cantiga com outras, criadas por ele, para introduzir várias personagens, que tentam defender a Barata da língua ferina de um tal Mosquito. E teve a colaboração do artista plástico Rubem Filho para criar as belas imagens que compõem este volume. (Mais adiante, vamos falar da estrutura da cantiga e da quadrinha.)

Embora os dois autores já se tenham apresentado, nas páginas finais do livro, falando sobretudo de sua relação com a cantiga e sua personagem principal, gostaríamos de falar um pouco mais de cada um.

Leo Cunha, na verdade Leonardo Antunes Cunha, nasceu em Bocaiuva, em 1966, mas veio para Belo Horizonte com três anos de idade, e na capital mineira mora até hoje. Aí sempre estudou, até os cursos universitários: Jornalismo e Publicidade. Depois, fez Especialização em Literatura Infantil, Mestrado em Ciência da Informação e Doutorado em Cinema. Também professor e tradutor, tem mais de sessenta livros publicados, para crianças e jovens, em prosa e em verso, muitos dos quais receberam os maiores prêmios da categoria. Quase toda a sua obra mistura, em dose perfeita, o humor e a poesia.



Rubem Filho, nascido em 1969, é também mineiro de Belo Horizonte, onde ainda mora. É ilustrador, artista plástico e escritor. Começou a trabalhar com artes gráficas aos 17 anos, passando um bom tempo em agências de publicidade como arte-finalista e diagramador. Formou-se em Artes Plásticas pela Escola Guignard, da Universidade do Estado de Minas Gerais, onde se especializou em gravura em metal e litografia. Passou a trabalhar com livros infantojuvenis em 1996. De lá para cá, são 127 títulos publicados, entre projetados, ilustrados e escritos. Foi três vezes finalista do prêmio Jabuti, além de receber menção na Lista de Honra do IBBY (International Board on Books for Young People).

E, antes mesmo de tratarmos as questões da abordagem de **É mentira da Barata?** com as crianças, falemos de algumas convicções sobre o que nos oferece a obra de arte – portanto, a literatura – e também a literatura para crianças.

Ainda há pouco expressamos nosso desejo de que, antes destas páginas, você tivesse lido a história. E esse desejo tem duas razões: a primeira e evidente é que, conhecendo a obra, você nos seguiria e dialogaria com mais facilidade (concordando ou não...) conosco. Mas a razão principal é a nossa convicção mais absoluta de que, quando temos o primeiro contato com qualquer obra de arte (seja um filme, uma música, uma peça de teatro, seja a literatura – inclusive a infantil), é fundamental, antes de mais nada, que a sintamos com a mais pura intuição, querendo fruir o que ela nos diz, a emoção que nos transmite – do riso à lágrima. Você também tem esse direito!

Pois bem: assim como você, todos – inclusive os maiores teóricos e críticos de arte – têm o direito da primeira leitura, intuitiva, de pura fruição, e ele tem de ser garantido também às crianças. Consideramos que ninguém, nem o professor, com a melhor das intenções, deve tirar de seu aluno esse mesmo direito: que ele, antes de tudo, curta o que você vai contar, ou o livro que ele vai ler.

Nossa sugestão inicial a você é exatamente esta: deixe-o sozinho com o poema, ou com a história, que vai chegar a ele pelas melhores vozes para fazê-lo: as do autor e do ilustrador (no caso do livro infantil), e a sua, se está lendo em voz alta para ele. Desse modo, essa primeira impressão vai sendo elaborada pela imaginação da criança, e vai se juntando a todas as boas experiências que já teve, desde o berço, com cantigas, sussurros e histórias. E vai fazer parte do seu repertório, em constante crescimento – o que é fundamental para a sua vida e para a sua adequada alfabetização.

Se quiser uma explicação teórica de nossa posição, ainda que rápida, aqui vai ela: a obra de arte é baseada na **conotação**, e não na **denotação**. A denotação apresenta os sentidos referenciais, “objetivos”, mais universais de uma palavra em determinada língua (e, por isso, tais sentidos denotativos estão nos melhores dicionários, no início do verbete da palavra, para que todos os falantes a (re)conheçam). Por isso também, a denotação predomina enormemente na linguagem da informação e da ciência, e que deve existir o máximo de precisão. A conotação, por sua vez, traz um ou vários sentidos agregados à palavra, sentidos subjetivos, às vezes muito característicos do falante, daí a multiplicidade de interpretações que pode sugerir. Todos nós temos as nossas conotações, e quem nos conhece pode perceber o que queremos falar quando as usamos. Mas é na linguagem da arte que a conotação encontra seu melhor campo e nela é predominante. Por isso, a linguagem artística é, por princípio, ambígua e plurissignificativa, propõe leituras diferentes, alimenta divergências, acena com caminhos diversos, inclusive o gostar mais, ou menos. Isso acontece na pintura, na música, no filme, por exemplo, e, obviamente, na literatura – inclusive a dedicada às crianças.

1. DUAS POSSIBILIDADES DE EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA

Em geral, essa primeira leitura da literatura (e de qualquer obra de arte) é a que todos nós fazemos, na maioria das vezes, ao longo da vida. Nela, cada leitor (ou ouvinte) interpreta a obra em função de sua idade, sua história, suas experiências de leitura: vai gostar ou não, e, por decisão própria, decide como a obra vai entrar e ficar na sua vida, muito a partir do que falou ao seu coração e à sua inteligência. Pode voltar a ela espontaneamente, várias vezes. E certamente, a cada vez, tem uma leitura um pouco diferente. É assim com a arte. Essa leitura é da maior importância, e deixa muitas marcas na nossa forma de ver o mundo, na criação de nossos valores, opiniões e posições. Por isso mesmo, nossa sugestão é que você leia histórias e poemas, com muita frequência, para a pura fruição de suas crianças, e, cada vez mais, incentive-as a ler, espontaneamente e por conta própria, obras literárias adequadas ao seu nível de experiências.

A escola, sobretudo até o fim do ensino básico, além de ter sempre essa intenção de fomentar em seus estudantes a busca espontânea da literatura (portanto, a primeira leitura), tem o objetivo de qualificar a leitura deles – o que é conseguido, principalmente, com a releitura e a discussão de determinadas obras, selecionadas quase sempre pelo professor. E isso deve acontecer (obviamente na dosagem adequada) desde a Educação Infantil. É o que chamamos a “segunda leitura” da obra.

Pois bem: você pode perfeitamente optar por trabalhar apenas a sua primeira leitura/audição desta história, para pura fruição. Pode achar que, para a turma que está diante de você, no momento, essa experiência é suficiente. E pode ser mesmo! Ou pode achar que o livro é bastante rico em palavras e imagens, e que, com ele, vale a pena ir mais longe, mostrar o casamento que os dois autores fizeram de texto e imagem. É o caso, então, de fazer a segunda leitura.

É dessas duas leituras de **É mentira da Barata?**, tão importantes e diferentes, que vamos falar neste Material, além de sugestões de desdobramentos que esta história especificamente poderá trazer para a experiência mais ampla da leitura. Temos, ainda, uma sugestão de conversa com os pais e indicações de leituras para você, se quiser se aprofundar em alguma questão literária, ou de mediação da leitura.

A primeira leitura da obra

Vamos propor em seguida atividades em torno inicialmente da primeira leitura da história – certamente o momento mais importante do encontro do ouvinte/leitor com a arte literária e que não pode faltar, nesta busca inicial de criar leitores para a vida toda.

Para a concretização dessa primeira leitura da obra, podemos pensar nos momentos importantes de qualquer experiência educativa: tratamos da motivação, da leitura a ser feita por você ou pelos próprios alunos e da avaliação da atividade, como as crianças reagiram à transformação de uma cantiga, conhecida pela maioria, em uma narrativa com várias personagens, com uma surpresa final.

A) Motivando os alunos para a leitura da obra

Nossa experiência nos conta o que possivelmente é também o que diz a sua prática: é só tirar um livro da sacola, ou pedir um semicírculo, e a criançada já percebe que lá vem história – e a motivação está feita! Normalmente, sobretudo para crianças, ouvir uma história é irresistível! Mas pensamos que você pode, enquanto prepara carteiras ou almofadas da sala, ou apaga a lousa, assobiar ou cantarolar a cantiga (sem a letra) da Barata. É quase certo que muitas crianças vão reagir, cantando a música, ou dizendo que a conhecem.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

É claro que o diálogo com as crianças, proposto aqui, é mera sugestão: vai ser adaptado por vocês, para ter o seu jeito e o seu tom, e a ele você vai acrescentar o que achar que funciona mais com seus alunos.

Neste momento, diga que estava procurando uma história para contar para elas naquele dia e...

– *Achei este livro lindo, com esse caso da Barata, que vocês conhecem. Mas é um pouquinho diferente, e acho que vocês vão gostar dele. A musiquinha também aparece aqui no livro. Se quiserem ouvir a história, vou pedir para vocês cantarem comigo a cantiga. Vocês cantam?*

(Peça que cantem a cantiga. Veja se muitos conhecem a versão das saias de filó, ou se alguém canta a letra diferente. Se acontecer isso, diga que mais tarde essa letra/história diferente vai aparecer.)

– *Agora eu vou mostrar só a capa do livro, mas depois vamos ver o livro todo. Combinado?*

Mostrando a capa do livro, enfatize o título da história, que já tem uma novidade: a pergunta. Um ponto importante é você fazer a entoação da pergunta do título. Não podemos garantir se é ou não mentira a conversa da Barata...

– *Vejam o título da história. (Leia o título, com interrogação.) Qual é a diferença, se eu ler “É mentira da Barata.”? (Leia o título com ponto final.)*

(Espere que eles percebam a diferença entre a afirmação e a pergunta.)

– *O título da história é: É mentira da Barata? Então, o título garante que é mentira, ou não se sabe se é mentira da Barata?*

(Certamente, eles vão ver a diferença entre a certeza e a dúvida...)

– *É, pelo título, não dá para saber se a Barata é ou não mentirosa... A cantiga sempre diz que ela mente! Quantas saias ela terá? Acho que só no final é que vamos saber isso... Então, vamos conhecer a história.*

B) A leitura da obra

Sugerimos que você faça para a turma a primeira leitura de **É mentira da Barata?**, sobretudo porque, além de contar, você pode cantar com as crianças (e alguns versos às vezes trazem surpresas – e isso será motivo de risadas delas) a cantiga já conhecida. Vai ser uma experiência muito divertida e rica.

É óbvio que as crianças, na fase de alfabetização, vão depois querer ler o livro, levar para casa, mas isso, depois de ouvir a história lida para elas.

Com relação à sua leitura, gostaríamos de insistir num ponto fundamental: não faça a leitura para seus alunos sem antes ler e reler a obra, inclusive em voz alta (como fazem todos os atores e locutores do mundo inteiro), para procurar e decidir as melhores entonações e os melhores ritmos que o texto exige. A leitura expressiva de um belo texto é considerada pelos especialistas uma das melhores formas de “capturar” o ouvinte e, depois, o leitor do livro e de literatura. Então, não perca essa chance de fazer bons ouvintes e bons leitores!

No caso desta obra, temos várias personagens – todas insetos, mas muito diferentes, com tons e intenções muito distintas. Por exemplo, o antipático do Mosquito, ao longo da narrativa, vai sempre repetir a história que conhecemos da Barata: ela só tem uma saia de filó! Mas outros insetos, cada um do seu jeito, vão tentar defender a coitada. Então, vão ser vários os tons dos bichinhos, e o próprio Mosquito vai caçoar cada vez mais da Barata, e até dos demais insetos (zoar, como ele faz, perto da gente...). O final é certamente uma grande novidade, vinda das “luzes” do Vaga-lume! Realçar os movimentos é fundamental para garantir a melhor percepção da narrativa pela turma e contribui enormemente para o interesse das crianças – e de qualquer pessoa, mesmo do adulto. Enfim, leia a história com todo o encanto que ela tem.

Sempre na hora da música, faça um sinal, para cantarem também. Você viu que às vezes os versos do Mosquito mudam, e as crianças vão sempre achar que é a mesma cantoria dele. Quando forem diferentes (ele rima em É, I, Ó, U), faça uma pausa, para alertá-los da mudança. Pode até repetir a estrofe, com os alunos já sabendo da mudança.

A hora de ler para as crianças

Se pensarmos na vida da criança, toda hora é boa para ouvir histórias. Isso vai depender mais da disponibilidade dos adultos (e mesmo jovens) que vão ler ou contar as narrativas. No seu caso, temos de pensar que, a depender do momento da sua turminha, você pode resolver, de repente, fora do planejamento, contar uma história, para descansar as crianças, tirar alguma tensão, alegrar todo mundo. Por isso mesmo, você deve ter sempre algumas histórias bem treinadas, para esses momentos não programados.

Mas, na atividade planejada de ler para as crianças (ou mesmo para elas lerem), quando pode escolher a hora de fazer isso, sugerimos que prefira aquele momento em que a criança vai ter um tempinho para curtir, à sua maneira, a história escutada (ou lida). Por exemplo, nos minutos antes de acabar a aula, quando você vai poder fazer pouca coisa, além de saber se gostaram da história, algum caso que queiram contar, despertado por ela. Pode ser, também, logo antes da merenda e do recreio.

É comum que, ao contar a história, muitos professores mostrem e comentem as imagens, e isso pode funcionar muito bem, sobretudo no caso de obras para crianças bem pequenas, com textos mais curtos, para os quais a imagem tem um peso ainda maior.

Mas, em uma narrativa mais longa, inclusive com cantoria, como é o caso desta, se as crianças puderem estar centradas na palavra e na sequência da narrativa ou do poema, elas prestarão muito mais atenção às palavras, criadoras daquela unidade de sentido (e de emoções) do texto.

Nossa preferência é, sempre que possível, pela leitura no fim da aula. Para este livro, especificamente, esse momento é importante, porque vamos pedir aos alunos uma atividade em casa, em torno dos bichinhos, para a apreciação da história, no dia seguinte, se optar por fazer a sua retomada. Veja o que melhor combina com seu jeito, com a turma e com as atividades propostas.

C) Avaliação da recepção das crianças

Lida a história, sinta a reação dos alunos, se gostaram da nova história da Barata e de cantar.

– *Vocês gostaram da história? Gostaram das diferenças que ela trouxe para a cantiga? De que bichinho gostaram mais?*

(Deixe que opinem todos os que quiserem. Veja se aparecem opiniões diferentes, sobre a história, e pergunte por que gostaram mais de determinado bichinho. Pode aparecer até algum caso, envolvendo os insetos. Dê a eles a chance de falar sobre isso.)

– *Vamos ver se todos os bichos foram lembrados aqui. Quais foram mesmo os que já comentamos aqui? Vou escrever na lousa/quadro o nome de todos. Vamos lembrar?*

(Veja se lembram os bichos que entram na história. Vá escrevendo na lousa o nome de cada inseto lembrado por eles. Se faltar algum, lembre e escreva o nome dele.)

– *Todos esses bichos são conhecidos de vocês? Eles aparecem na casa de vocês?*

(Ouça o que alguns dizem, mas explique que eles vão fazer uma pesquisa em casa sobre os bichos que aparecem na história.)

– *Vou pedir a vocês que cada um pergunte em casa quais desses bichinhos aparecem por lá e se algum deles tem alguma coisa de especial, barulho, um hábito, por exemplo. Amanhã, vamos ver o que cada um ficou sabendo, combinado?*

Você pode perfeitamente considerar que essa primeira abordagem é suficiente para que **É mentira da Barata?** colabore no encantamento das crianças pela literatura e pelo livro.

E, se você achar que as crianças se divertiram com esta história em verso e que ela pode ajudá-las a ir mais fundo na compreensão e numa nova fruição da obra, vale a pena a retomada da obra, que vamos desenvolver mais adiante.

No caso desta história, essa releitura parece-nos muito mais produtiva no dia seguinte: você viu que já pedimos, depois da avaliação, uma “pesquisa” em casa, com familiares, sobre os insetos que entram na narrativa, que será ou não explorada na segunda leitura, na qual palavras e imagens serão trabalhadas, casadas nas páginas do livro.

2. A RETOMADA DO LIVRO

Nesta segunda leitura, vamos propor-lhe experiências que nos proporcionaram sempre os melhores resultados. Mas só você poderá avaliar, entre as nossas perguntas e sugestões, as que podem ser mais enriquecedoras e, ao mesmo tempo, prazerosas para os seus alunos. Da mesma forma, nossa conversa, com perguntas e respostas, sugerida mais adiante, é apenas uma referência a questões que consideramos importantes, mas você, além de dar a ela o seu jeito e o seu tom, pode ainda substituir, modificar, acrescentar o que achar mais adequado para a sua turma, avaliando se o que vamos apresentar é mais, ou é menos do que suas crianças podem atingir. Sempre insistimos em que o enfado ou o cansaço das crianças são sinais de que a experiência precisa de revisão. Nesses casos, o melhor é reduzir a atividade e deixar que mais adiante cada criança, no seu tempo e disposição, revise a história e faça descobertas – como acontece conosco também. Avalie bem as atividades propostas, trabalhe com as principais, ou outras, criadas por você, a partir de sua própria leitura e da reação dos pequenos: é preferível manter o interesse pela história a esmiuçá-la a ponto de afastar a criança da história (e da literatura).

Tratemos, então, desta segunda leitura.

Para começar um novo trabalho com ***É mentira da Barata?***, no dia seguinte à primeira leitura, veja se alguém quer resumir a história. Um aluno pode começar, e os outros vão ajudando.

Procure saber, em seguida, que informações eles trouxeram de casa sobre os bichinhos da história. A conclusão de que todos são insetos, todos têm seis patas, já é um início importante.

Naturalmente, você já tem ideia das principais respostas que eles vão trazer sobre cada um: tamanhos, lugares e horários preferidos, alguma coisa em particular. Permita, inclusive, que falem de medos e incômodos que os familiares e outras pessoas da casa relataram.

De todo modo, não é necessária, aqui, uma pesquisa profunda sobre os insetos, não pensamos numa aula de ciências: para começar, todos os bichos falam, no campo da literatura e da fantasia! O que importa é exatamente descobrir como o narrador apresenta cada inseto, relacionando-o com a história. Por exemplo, o mosquito está sempre por perto, e seu barulho é muito desagradável e não para: parece que este inseto está querendo amolar, chatear a gente (zoar, na linguagem popular, que as crianças devem conhecer); a formiga é metódica e organizada, levando e arrumando as coisas no formigueiro; a traça gosta de comer papel; o grilo canta, aparece mais à noite; a pulga pula muito alto; o vaga-lume tem uma luz no traseiro.

Comece, então, a conversa.

– *Combinamos que vocês iam procurar saber mais desses bichinhos que aparecem na história. Vocês procuraram informações sobre eles? Quais eram eles mesmo?*

(Os alunos vão falando os nomes e você vai escrevendo na lousa. Insista até aparecerem todos.)



– O que ficaram sabendo de cada um desses bichos? Quem começa a falar?

Veja, então, o que cada um trouxe e comente. Procure enfatizar a característica que importa para a história, e, por fim, indique alguma que não tiver aparecido. Faça com eles perguntas relacionando-as com a narrativa, como nos exemplos a seguir. A última pergunta, sobre a pulga, que tem o pulo mais alto entre todos os animais, pode ser difícil, porque é uma metáfora dos sonhos de cada um. Se achar conveniente, não faça essa pergunta. Se alguém, na leitura da história, fizer alguma pergunta sobre isso, explique. (E, só para você: por que a Barata é a personagem desta história? A cantiga é tão antiga, que nem temos como saber por que ela é que aparece com saias de filó. Pode ser que suas grandes asas pareçam saias, mas seriam só duas.)

– Se esses insetos são assim, vamos imaginar como aparecem e o que disseram na história.

(Dê tempo para eles pensarem para responder as perguntas que se seguem. Se ninguém acertar – o que vai ser muito difícil –, você diz que, lendo a história de novo, eles vão descobrir a resposta.)

- Qual deles aparece na história inteira, para chatear a Barata?

(O Mosquito – claro! – que gosta de zoar...)

- Qual deles acha que a Barata não arruma as coisas direito?

(A Formiga, que gosta de organizar tudo...)

- Qual quer encontrar novas palavras para dizer como é a Barata?

(A Traça, que gosta de comer até dicionário...)

- Qual deles vai acabar com a discussão, com uma ideia brilhante?

(O Vaga-lume, que vai clarear/esclarecer/explicar a situação com sua “luz” no traseiro.)

- Qual vai dar sua opinião numa serenata?

(O Grilo, que canta o tempo todo...)

- Qual vai achar que a Barata vive “voando”, imaginando coisas?

(A Pulga, que pula muito alto, como um voo.)

– Depois desse “teste de adivinhação”, nós vamos conferir tudo na história. Vamos, agora, ver o livro todo. Quando for a hora, vocês cantam de novo comigo?

É hora de retomar a história, agora analisando textos e imagens.

(Vá conferindo as explicações de cada inseto à medida que aparecem. Chame atenção para o acerto das suposições que fizeram. E lembre-se de nosso alerta: veja até onde seus alunos podem ir.)



Comece por comentar a capa. Perto de seis anos e já muito acostumados com o manuseio de livros, você pode:

- lembrar o título, com a interrogação, que nos encheu de dúvidas, no dia anterior;
- observar, para não contar a história desde a capa, quantas saias a Barata tem aí. (O ilustrador não ia “entregar” a história, cheia de interrogações, indicando quantas eram...)
- Pode mostrar os nomes que aparecem aí.

(Se quiser, pode ir à página 30, e mostrar a foto dos dois autores: Leo Cunha e Rubem Filho, cada um “apresentado” por um inseto. Os alunos já sabem o que é uma editora, mas, se não souberem, mostre o nome da Editora RONA e explique o que faz, basicamente, uma editora. Indique de onde ela é.)

Depois, analise as “páginas duplas” (par e ímpar), seu texto e sua imagem. Leia cada página, cante com as crianças a que for cantada e, em seguida, comente a imagem.

(Procure sempre fazer perguntas, em cada página, e deixar que os alunos façam as observações. Confira o que sugerimos abaixo para todas as páginas, ou o que é da página final.)

Em cada uma delas, procure enfatizar:

a) Nas quadrinhas:

- Comente a característica do inseto que vai aparecendo, e que palavras revelam isso.
(Ex.: A Barata está **baratinada** (andando sem rumo); o Mosquito **zoava** o dia inteiro; a Formiga é muito organizada; a Traça devorava um dicionário e escolheu uma palavra; a Pulga de pulo em pulo.)
- Que surpresa o Vaga-lume traz, na sua conversa?
(Em vez de ficarem discutindo o tempo todo, ele arranhou a melhor explicação para a pergunta da Barata, lá no início da história: ela queria é que todos cantassem e se divertissem – até o Mosquito, como mostra a imagem.)
- Chame a atenção para a mudança da última quadrinha, que contradiz a cantoria do Mosquito. E para a última palavra da história: quiproquó.
(Na última quadrinha, há quem esteja tão habituado com a cantiga, que não percebe que no seu segundo verso todos os insetos cantam, em coro, e não só o Mosquito: Ela não tem uma só. E lembre-se: **quiproquó** é um mal-entendido, uma confusão.)



b) Nas imagens:

- Os ambientes, quando aparece cada nova personagem;

(Por exemplo: a Barata aparece na cozinha. Peça que os alunos identifiquem tudo de uma cozinha, do azulejo à pia, filtro, geladeira – com adesivos... A Traça está numa biblioteca; a Formiga, num vaso, cortando uma planta; a Pulga, pulando, fugindo do tapa do cachorro.)

- Quantos insetos aparecem em cada página;
(Os insetos sempre aparecem nas páginas seguintes às suas, continuando a participar da história.)
- O que revelam as fisionomias das personagens;

(Por exemplo, a Barata, na primeira página: pela expressão dos olhos, muito arregalados, e da boca, ela parece nervosa, aflita, e, pela separação das pernas, parece caminhar depressa pelas paredes de uma cozinha, porque parece de azulejo. É importante perceber como os outros ficam atentos à explicação do inseto que acaba de aparecer, e que o Mosquito sempre está rindo e “rolando de rir” dos demais.)

- Que inseto aparece sempre sozinho, e por quê.
(Claro que é o Mosquito, sempre um chato, rindo de todos.)

- Na página dupla final, que insetos aparecem? Estão tristes? Zangados? Alegres?

(Todos estão alegres, divertindo-se, parecendo cantar e dançar, ou tocar as cordas de um instrumento.)

- Qual é a figura maior (em destaque) desta página? O que ela sugere?

(A página dupla é quase toda ocupada por um instrumento musical – um violão. Os insetos estão próximos ou em cima dele, sugerindo que a música reúne as “pessoas”, é sinal de festa e alegria.)

- Todos estão felizes, mas que inseto está à frente na imagem? Por quê?

(É o Grilo, o cantor do grupo, como já foi apresentado no princípio da história.)

3. UMA NOVA AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM *É MENTIRA DA BARATA*?

Depois da retomada da história, vale um pequeno papo, por exemplo:

– *Então, o que acharam do livro, das suas imagens?*

– *Do que mais gostaram na história? Será que a Barata queria que todo mundo se reunisse para uma festa, ou foi o jeito do Vaga-lume de terminar com a briga?*

(Espere os que queiram expressar sua opinião, que pode perfeitamente ser diferente.)

– *Em todo caso, por que não escrevemos uma carta para o autor Leo Cunha, ou pedimos uma entrevista com ele, para ver o que ele conta para a gente? Ouvimos dizer que ele adora conversar com as crianças sobre os livros e a vida dele. O que acham de tentarmos isso? Quem quer levanta a mão!*

(Se as crianças realmente quiserem, faça contato mesmo com o autor, por meio de suas redes sociais. Ele costuma não apenas ir às escolas, para essas conversas, como também faz muitas lives com seus leitores.)

Se achar conveniente, você poderia observar que os insetos, para defender a Barata, sempre encontram um “defeitinho” nela: exagerada, descuidada, esquecida (meio caduca, cabeça de vento), cheia de imaginação (sonhadora). Veja o que acha desses “defeitos”: são

mesmo defeitos (a imaginação, pelo menos)? De todo jeito, são menores do que ser mentirosa?

(Dê um tempo para apresentarem sua opinião e argumentos sobre isso.)

4. INDO ALÉM DA HISTÓRIA – DESCORTINANDO HORIZONTES

- a) A cantiga que deu origem a esta história é tão popular, que vale a pena ver como e quanto ela inspirou outros artistas.
 - Uma primeira sugestão é que procurem ler, com familiares e outros adultos, alguma variante da cantiga. Peça que cada um veja em casa que outras versões conhece e as traga para cantarem todas elas. Ora a barata tem uma cama de marfim, ora tem uma sandália de cetim, ou tem um irmão que é artista, e por aí vai... Peça que decorem as quadrinhas.
 - Procure alguns vídeos de versões da cantiga, veja os que podem agradar à turma e passe na sala.
 - Veja se consegue na biblioteca ou na internet um livro bem interessante de Walther Moreira Santos, com ilustrações dele mesmo e de Thiago Laurentino, inspirado na mesma cantiga (que até se refere à Barata): *É Mentira da Cigarra*, publicado pela Geração Editorial.
- b) Procure conhecer e apresentar aos alunos alguns livros interessantes de quadrinhas, como, por exemplo:

Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças novinhas, de Ruth Rocha, da Editora Salamandra; *Quadrinhas*, de Tatiana Belinky, da Editora 34; *Quadrinhas para miúdos*, de José Santos, da Editora FTD, reunindo suas experiências e surpresas portuguesas com a nossa língua.

- c) Se couber com seus alunos, aproveite as rimas e outros recursos da história para fazer brincadeiras com a língua, que normalmente as crianças apreciam muito como diversão. Faça alguns desafios ou algumas rodadas da brincadeira “Lá vai o barquinho carregado de...”, e você desafia a turma a “carregá-lo” com sílabas, em rima, no final, ou no início da palavra. Use palavras e sugestões das quadrinhas do livro. Das sílabas sugeridas, a criança já terá um bom vocabulário, mas são apenas sugestões, que você pode substituir ou ampliar.

Sugestões: Lá vai o barquinho carregado de:

Palavras iniciadas com:

- **ba**, de barata!
(bacia, banana, batata, bala, balão, baleia, baralho, banho, Bahia, bater, etc.)

- **fi**, de filó!
(fita, fino, ficar, figo, finura, fiado, fila, filho, filha, filhote, firula, etc.)
- **ca**, de casa!
(caso, calo, calar, cachorro, catar, casar, cada, caderno, cama, calor, etc.)
- **pa**, de papel!
(padaria, papai, pata, pato, panela, paca, pano, pacote, palito, partir, etc.)

Palavras que acabam com:

- **-ada**, como organizada!
(salada, casada, amada, levada, pesada, macarronada, marmelada, etc.)
- **-udo**, como abelhudo:
(barrigudo, cabeludo, peludo, bicudo, pontudo, canudo, etc.)
Podem variar a brincadeira, dando um sinônimo, ou descrevendo o que você quer:

Palavras terminadas em -ada:

que não é leve (pesada)
doce feito de marmelo (marmelada)

5. AS ESCOLHAS DO AUTOR NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Deixamos para o fim informações que possivelmente não serão tratadas com os alunos, mas que gostaríamos de salientar para você: o aproveitamento da cantiga e da quadrinha, as duas componentes poéticas de que lança mão o autor, para criar sua narrativa. Com esse expediente, numa homenagem ao folclore, ele conserva o tom e a estrutura da cantiga tradicional, ao longo de toda a narrativa, para além dos versos já conhecidos.

A quadrinha é uma das mais simples e antigas formas poéticas da literatura popular e continua até hoje sendo criada no Brasil, seja na oralidade da produção das camadas mais simples da população, seja pelo aproveitamento de grandes poetas, herdeiros também dessa tradição.

Como o nome indica, sua estrutura é de **quatro versos**, com **rima**, em geral no segundo e no quarto.

– Onde estão as sete saias
Que eu ganhei da minha avó?
Onde é que estão guardadas
Minhas saias de filó?

Quanto à **métrica**, a quadrinha usa comumente o verso também mais popular, desde Portugal: o de sete sílabas poéticas (contadas até a última tônica) – a chamada **redondilha maior** (a menor tem 5 sílabas poéticas).



O MOSQUITO, QUE ERA UM CHATO
E ZOAVA TODO O DIA,
QUANDO OUVIU AQUELE PAPO,
COMEÇOU A CANTORIA:

LEMBRE-SE:

Normalmente, no verso, fazemos as mesmas elisões e contrações da nossa fala natural. Então, escritas podem ser muito mais sílabas do que quando falamos ou cantamos. Assim, temos, aqui, as sete sílabas da redondilha.

*O Mosquito, que era um chato
e zoava todo o dia,
quando ouviu aquele papo,
começou a cantoria:*

A redondilha é também muito usada no cancioneiro popular brasileiro.

Gostaríamos de chamar a atenção para dois tipos de rimas, comuns na quadrinha e nas cantigas populares – e, nesse caso, falamos de toda a tradição da Península Ibérica, reunindo na mesma prática poética Portugal e Espanha, e seus colonizados (a exemplo do Brasil e de países de fala espanhola).

A primeira é a **rima consoante (ou soante)**, onde vemos a coincidência de sons a partir da última tônica.

*Essa história foi somente
uma grande brincadeira.
A Barata pôs a gente
Pra cantar a noite inteira.*

A segunda é a **rima toante**, na qual apenas coincidem as vogais, a partir da última tônica do verso.

*Naquele dia, a Barata
acordou feito um foguete.*

*Corria baratinada,
subia pelas paredes.*

Ou:

– Rá rá rá... ró ró ró.

Ela tem é uma só.

Ró ró ró... ri ri ri.

(O Mosquito ria assim.)



Nesta obra, o poeta Leo Cunha resolve juntar, da maneira mais variada, as duas formas de rimas, ainda que predominem a rima toante, nos versos ímpares, e a consoante, nos pares, como vemos no primeiro exemplo de quadrinha usado acima. Às vezes, os quatro versos têm a mesma rima, como a última; às vezes, têm rimas consoantes, duas a duas; às vezes, temos só toantes, como a que inicia a história e está reproduzida acima. Mais uma forma de recriar o espírito popular, que nem caberia ser mudado para um modo “sofisticado” de contar a história.

Dentro dessa mesma lógica, perceba a oralidade das frases poéticas do autor: o vocabulário é muito simples, com algumas gírias comuns (chato, bolar uma desculpa, chegar no pedaço) e metáforas apropriadas, como a Barata, que “subia pelas paredes”, juntando uma ação comum dela, com o

sentido figurado da expressão: estar muito incomodada, aflita mesmo. Talvez o autor tenha usado, propositalmente, como outra surpresa, uma única palavra “difícil” na história, a última, para criar mesmo uma pergunta dos alunos: o que é quiproquó??!! Naturalmente, você dará o significado, porque eles ainda não terão o costume da Traça, de recorrer ao dicionário...

Esperamos que este tenha sido um trabalho proveitoso e agradável para você e seus alunos! Para nós, foi um prazer lhe falar desta bela obra **É mentira da Barata?** e tratar de questões importantes de tema tão relevante: a leitura literária.

Mas ainda falta uma conversa...

6. DIÁLOGO IMPORTANTE COM OS FAMILIARES DOS ALUNOS

Depois desta nossa longa conversa, ainda gostaríamos de deixar a sugestão de uma proposta sua aos familiares de seus alunos, com relação à cooperação deles, no tocante ao desenvolvimento do gosto e da procura da leitura. Esse diálogo, que sempre tivemos e que sugerimos, nas conversas com professores, não poderá ser diferente aqui, e talvez até você já o conheça. Mas insistiremos nele.



Lidando com crianças da Pré-Escola, você terá muitas oportunidades de conversar com os familiares de todas elas. Na sua maioria, eles querem colaborar com a escola no processo de desenvolvimento intelectual, psicológico e social das suas crianças. Nem todos, contudo, têm condição de avaliar o significado não simplesmente de saber ler, mas o papel substantivo de, desde cedo, desenvolver o gosto e o contato frequente com a arte e, em especial, a literatura. Acreditamos que já tenha todos os melhores argumentos para falar sobre esse tema com os pais e adultos em contato com crianças.

Em reuniões, ou conversas reservadas, nunca perca a chance de lhes falar da importância da convivência dos pequeninos com a literatura e outras formas de arte, e quanto tudo isso contribui não só com o seu imaginário e no seu entendimento do mundo, mas como vai construindo as bases de sua alfabetização. É importante eles entenderem como todo contato das crianças com o material escrito, com os livros destinados a elas, que elas ouvem e folheiam, assim como as histórias e cantigas e brincadeiras (mesmo as ouvidas, no berço ou no colo), como tudo isso é facilitador do processo de alfabetização, e terá repercussões importantes, ao longo de suas vidas. O significado do letramento (ou literacia, como preferem alguns) pode ser explicado, de algum modo, para os pais e outros familiares, em uma reunião na escola. Reforce com eles sua condição extraordinária, revelada nas pesquisas: a maioria dos leitores considera que a maior influência para sua condição de leitores veio da família – antes mesmo da atuação dos professores.

Mas você e nós conhecemos muitos adultos não leitores, incapazes de desenvolver nos filhos o gosto pela leitura. Sabemos de lares de pais não alfabetizados, ou com pouca experiência de leitura. Convivemos com muitos pais que podem comprar livros para os filhos, mas preferem comprar um brinquedo qualquer, e pais que não têm mesmo condições financeiras de comprar livros para os filhos. Há nisso tudo uma questão social, de falta de poder econômico, impedindo o investimento em livros. Mas há, também, certamente, uma questão de valorização da leitura – o que pode acontecer em lares abastados. Por isso, na escola ocorre, muitas vezes, a chance de desenvolvimento de leitores.

Esse quadro tão diverso das famílias deixa claro que a conversa raramente pode ser a mesma com todos os pais. Aos poucos, você terá condições de conhecer o perfil da família de seus alunos e distinguirá, dentre as propostas que faremos abaixo, as que cabem em cada caso, e, mais especificamente ainda, no caso da criança de cada uma. De todo modo, é bom mostrar a todos, indistintamente, que algumas atitudes, decisões e ações, indicadas a seguir, dependem muito mais do quanto a família valoriza a experiência com arte e com a literatura do que grandes e até pequenos gastos.

Numa boa interlocução com eles, reunidos, ou em separado, você poderá comentar as propostas sugeridas por nós e mesmo outras, que a sua experiência definir como adequadas, para convencê-los a participar ativamente do desenvolvimento, em suas crianças, da leitura e do gosto pelas experiências com a literatura.

Conhecemos os bons resultados de todas as sugestões. Elas têm funções e mesmo importância diferentes, assim como oportunidades ou dificuldades distintas. Muitas falam do cotidiano familiar com as crianças. Outras dizem mais respeito a ações possíveis, em outros ambientes, mas beneficiando todas as crianças, inclusive aquelas em processo de alfabetização. Outras são atitudes conjuntas, de benefício comum.

Algumas podem parecer inviáveis para crianças da Pré-Escola. Outras não serão possíveis, em dado contexto, neste momento, neste lugar, mas são muito viáveis em outros. Todas elas revelam o movimento em direção aos livros, e isso vai sendo internalizado pelas crianças, inclusive da Pré-Escola. Por isso, descartá-las de antemão não nos parece o melhor caminho.

Em reuniões de pais, leia algum trecho de depoimentos de escritores e de intelectuais, que expressem como a leitura fez diferença na vida deles. Eventualmente, distribua algum texto sobre essa questão.

Assim, conforme o ambiente e as condições particulares das famílias, conforme outras variáveis que conheça da escola, do bairro e até da cidade onde você e suas crianças estão, sugira aos familiares as experiências e ações apresentadas abaixo, pelas quais você própria deve ter passado em grande parte, para se tornar uma boa professora e leitora:

- ler para as crianças os livros levados da escola, inclusive outros de um dos autores de ***É mentira da Barata?***;

- buscar responder às demandas propostas pela escola, para esclarecer algum ponto dos livros que estão sendo lidos no momento;
- ouvir das crianças, atenta e pacientemente, a história que acabaram de ouvir com você;
- contar histórias que ouviram, na sua própria infância, da literatura popular ou não, e às vezes não disponíveis em livros;
- fazer com as crianças a representação de cenas de histórias, inclusive de ***É mentira da Barata?***;
- dar a elas, ao lado de outros presentes, livros adequados à sua idade, nas datas festivas do ano, ou em outras oportunidades típicas da família;
- deixar à mão da criança livros adequados à sua faixa etária, sem medo de não ficarem “novinhos” e intactos;
- assistir com as crianças, na televisão, a filmes e vídeos de qualidade, adequados à idade delas, inclusive algumas entrevistas com escritores, disponíveis na internet;
- levar as crianças para assistirem a filmes e peças de teatro adequadas;
- desenhar e ter outras atividades de criação com as crianças;
- inscrever-se em uma biblioteca pública do bairro ou da cidade, para empréstimos de livros adequados às suas crianças;

- fazer, na rua, no bairro, em ambientes de trabalho, uma campanha de empréstimo ou de troca de livros infantis;
- levar as crianças a feiras ou festas literárias e exposições de livros;
- levar as crianças a livrarias, sobretudo às que tenham um cantinho de leitura reservado para crianças e pais;
- assistir à conversa de autores e ilustradores, na escola, ou em festas literárias;
- ler livros interessantes sobre literatura infantil;
- fazer pequenas oficinas de contação e de leitura de histórias, oferecidas pela escola ou por outra instituição;
- fazer campanhas de aquisição ou de doação de livros infantis em centros ou espaços culturais de sua vizinhança.

Essas quase vinte sugestões, reunidas em lista, podem dar a impressão de receituário ou recomendações indevidas, exageradas, até inexecutáveis e impróprias: podem sugerir que pensamos que a criança (ou qualquer pessoa), por ler e ter contato com a arte, está dispensada de brincar, conversar, praticar esportes, ver televisão, ter outros interesses e *hobbies*.

Longe de nós um equívoco desses! Nossas sugestões passam longe dessa ideia. Primeiro, porque muitas são ações dos familiares, que se refletem no interesse pela literatura, mas não são desenvolvidas pelas crianças. Em segundo lugar, porque tais experiências nem sempre acontecerão juntas: estamos falando, às vezes, de atividades que ocorrem uma vez por ano, ou até menos – pelo que é bom aproveitá-las. E, por último e principalmente, porque, ao contrário, nossa opinião é a de que quanto mais diverso for o universo de boas experiências da criança, mais rica será sua vida. Não estamos tratando de algumas dessas atividades, também importantes, porque, exatamente feitas por opção própria e sem imposições, são, em geral, experiências que vingam mais naturalmente, na vida dela.

Definida essa posição, converse com os pais sobre as sugestões cabíveis. Se for o caso, veja se a escola pode oferecer-lhes algumas das atividades, em ocasiões especiais.

Enfim, para todos os educadores, ligados ou não à escola, é fundamental perceber a leitura como uma questão de cidadania, um direito individual e um dever do poder público. Não é, de forma alguma, uma questão menor, na educação. A leitura literária, desde a primeira entrada na escola, é uma proposta importante de formação espiritual, intelectual e cidadã – e isso não é pouco, na vida de qualquer um.

Seja feliz, nesta e em outras empreitadas!
Somos, sempre, agradecidos pela leitura atenta e paciente.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Apresentamos-lhe a seguir uma pequena bibliografia, que pode ajudá-la a explorar teoria e prática da literatura para crianças. Possivelmente, várias dessas obras já terão sido consultadas ou lidas por você. De todo modo, muitas merecem ser sempre relidas. Outras, de mais difícil acesso pelas livrarias e bibliotecas, poderão estar na internet, onde você encontrará também entrevistas de autores, artigos e discussões interessantes. A grande maioria das obras tem sobretudo o caráter prático, mesmo fazendo reflexões e discussões em torno da literatura ou da arte. Cada vez mais, aparecem bons textos e estudos em torno da literatura para crianças, e talvez a biblioteca de sua escola e outras tenham outros títulos importantes. Procure consultá-los, sempre que possível.

Gostaríamos, por fim, de lembrar que na internet estão vários vídeos com o escritor Leo Cunha, autor desta obra, não somente com entrevistas, inclusive com a leitura dele de **É mentira da Barata?**.

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

Grande educadora e pioneira no trabalho com a literatura e o teatro na educação, além de escritora de narrativas para crianças, a autora fala, nesta obra, não apenas na função da literatura infantil, mas também de enganos que costumam ocorrer na sua exploração na escola.

- BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias: Narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

Grande compositora, cantora, atriz, escritora e contadora de histórias, precursora dessa atividade no Brasil, exercida por ela durante muito tempo inclusive na televisão brasileira, a autora discute nesta obra – resultado de sua pesquisa de doutorado –, a importância ancestral de contar e ouvir histórias, na evolução das culturas, e seu papel na educação.

- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Professora e pesquisadora muito importante, sobretudo no campo da literatura para crianças, expõe, com sua costumeira clareza e com conhecimento de causa, as relações dos professores com a literatura e, como consequência, a relação deles com a literatura “para alunos”, ou oferecida a eles, em todos os níveis de ensino.

- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

Nessa obra, o autor defende o letramento literário como o grande papel do professor, tornando os estudantes leitores capazes de entender-se, entender seu ambiente e nele atuar. Apresenta uma parte prática, que começa exatamente como nós, na criação de motivos para se ler uma obra.

- CUNHA, Maria Antonieta A. *Mergulhando na leitura literária*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. v. 1.

Destinada sobretudo a professores do Ensino Fundamental, analisando textos literários, a obra tem uma introdução que trata de questões importantes sobre razões de ler, objetivos de diferentes leituras na educação, sobre estratégias de abordagem e avaliação em Arte da arte e da literatura. Neste volume, trabalha especificamente com as características e abordagem de textos poéticos.

- _____. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1986.

Além das discussões teóricas ligadas à questão da exploração da arte e da literatura com crianças, há uma grande quantidade de textos analisados, inclusive do gênero lírico.

- ECO, Umberto. O texto, o prazer e o consumo. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Trata-se de um livro que reúne ensaios e conferências feitas ao longo de pelo menos uma década, quando o autor foi refletindo e reformulando seus conceitos de literatura e outras artes, representação, imagem e ilusão. Como sempre, vara muitas manifestações artísticas, entretenimento e a complexidade das comunicações contemporâneas. O capítulo indicado é especialmente importante na discussão sobre as formas de recepção da arte.

- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2001.

Se quiser relembrar conceitos importantes do gênero narrativo, de modo bastante sucinto, esta é uma obra interessante: além de um pequeno histórico do gênero, trata dos pontos mais importantes de cada ingrediente da constituição da narrativa, detendo-se mais no estudo dos discursos, além de trabalhar conceitos como tema, assunto e mensagem.



- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Importante para todos os educadores que estejam dispostos a rever suas práticas de sala de aula, especialmente no tocante à exploração da literatura. A obra discute sobretudo a leitura indicada nas escolas, independentemente do nível, a cujos alunos são oferecidas (ou melhor: impostas) obras que falam pouco à sua vida, a seus gostos, à sua experiência de leitura (ou de escuta da literatura).

- PORCHER, Louis. *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.

Traz uma reflexão extremamente lúcida sobre a importância das artes, em todas as suas formas, sempre, mas especialmente num tempo do império do mercado, do consumismo e da ligeireza, como o nosso. Trata de modo acertado e brilhante o teatro a poesia.

- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar*. Literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Esta escritora colombiana, além de dedicar sua produção ao público infantil, grande parte traduzida para o Brasil, é importante educadora, voltada sobretudo para as questões ligadas à leitura e à escrita. Nesta obra, aborda o lugar que a literatura deve ter na educação e tem um capítulo muito interessante sobre oficinas literárias, onde as artes se encontram. Vale a pena desfrutar dessa leitura.

- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

Este jornalista e escritor italiano, dos mais importantes estudiosos também da criação literária para crianças, desenvolve nesta obra uma série de técnicas acessíveis à criança de desenvolver a criatividade, além de constituir-se numa introdução à arte de contar histórias. Obra fundamental para professores, tanto quanto para escritores para crianças.

- VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Esta escritora, especialista em poesia, desenvolve nesta obra a tese, a ser compartilhada por todos, mas sobretudo professores que trabalham com crianças e jovens leitores, de que é pelo prazer que conquistamos leitores definitivos. E que somente pelo encontro com o leitor o escritor pode sentir-se realizado. Tem uma boa análise de obras de vários gêneros.



W
EDITORIA



W
EDITORIA